

ALGUMAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE FILOSOFIA NO CEARÁ

Júlio Filizola Neto¹
Universidade Federal do Ceará

As mais antigas atividades ligadas à Filosofia no Ceará estavam presentes nos estabelecimentos de ensino secundário, fundados pelos jesuítas em Viçosa e Aquirás, nos primórdios do século XVIII². A expulsão dos jesuítas do Brasil em 1759, por determinação do Marquês de Pombal, paralisou por algum tempo essas atividades, pois esses estabelecimentos foram extintos. A partir de meados do século XIX o ensino de Filosofia surge no Ceará em diversas instituições.

A fundação do Liceu do Ceará, em 1845, se tornou um marco no ensino da Filosofia e do ensino público de forma geral. O que existia antes do Liceu eram poucas escolas isoladas e pobres, espalhadas na Capital e no interior. Sob a direção do Padre Tomás Pompeu, o Liceu:

... estruturou-se sabiamente, e em breve representaria não só um fator de concentração daquilo que de melhor existia na Província e vagava disperso, referentemente ao saber humanístico e às cogitações filosóficas e científicas, mas também um foco de atração à juventude que, na Capital e no interior, estagnava em pernicioso remanso, à falta de correnteza que a conduzisse ao largo mar do aprendizado integral.” (GIRÃO, 1971, p. 219).

Evidentemente que há um exagero nessa afirmação de Raimundo Girão, pois os filhos das famílias de posses iam estudar em Portugal, França e Olinda, Pernambuco, e retornavam para ocupar os cargos públicos.

A segunda instituição educacional que teve o ensino de Filosofia em seu currículo foi o Seminário Episcopal do Ceará, mais conhecido como Seminário da Prainha, fundado em 1864 por Dom Luiz Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará. Para João Alfredo de Sousa Montenegro, esse Seminário representou um toque de refinamento no tradicionalismo exacerbado do clero cearense, fincado nos princípios básicos da Contra-Reforma:

No Ceará se sentia o clima opressivo do clericalismo, que cimentava um tradicionalismo intolerante, como em outras províncias. Ainda perduravam os despotismos dos vigários colados (sic), embora na Capital começassem a soprar ventos do espiritualismo

refinado com a fundação do Seminário Episcopal.”
(MONTENEGRO, 1978, p. 134-135).

O Seminário da Prainha foi a primeira instituição de ensino superior do Ceará, com 4 anos de curso de Teologia e seis de preparatórios, com a Filosofia sendo ministrada ao longo do sexto ano. Essa instituição logo se tornaria importante foco de irradiação da cultura religiosa, formando inúmeros sacerdotes e abrindo perspectivas de uma ação pastoral dentro dos moldes depurados e impostos por Roma. Rígida disciplina e obediência são valores rigorosamente vivenciados. Mas o controle que Roma queria impor sobre seu clero não foi absoluto, pois o Padre Cícero, saído desse Seminário, se tornou um dos maiores fenômenos do catolicismo popular na história do Brasil. Suplementar ao Seminário da Prainha foi o Seminário do Crato, fundado em 1875, nos mesmos moldes que o primeiro.

O ensino da Filosofia estava presente também nos educandários particulares mais importantes de Fortaleza. O **Ateneu Cearense** foi um deles, fundado em 1863 pelos irmãos Costa Mendes. Sua proposta pedagógica era firmar a juventude em sólidas bases de instrução literária, com uma visão católica do mundo. Tinha o caráter propedêutico, ou seja, de preparação aos estudos nas Academias e Seminários do Império. Admitia alunos internos, semi-internos e externos. As mensalidades eram pagas antecipadamente em trimestres, o que proporcionava a esse colégio um caráter elitista não somente na sua proposta pedagógica, como também na seleção de sua clientela. Havia aulas de Gramática, Latim, Inglês, Geografia, História, Geometria, Filosofia e Retórica, tendo funcionado até 1886³.

Além do **Ateneu**, outras escolas marcaram a segunda metade do século XIX como o **Partenon Cearense**, o Colégio Universal, Colégio São José e o Ginásio Cearense. Este último, fundado pelo professor Anacleto de Queirós, rivalizou em organização e importância com o **Ateneu Cearense**. Farias Brito fora professor do **Partenon Cearense**⁴.

A Escola Militar do Ceará foi uma instituição onde o ensino de Filosofia, de orientação positivista, esteve presente. Essa escola foi uma das duas criadas no País por um decreto de primeiro de fevereiro de 1889, pelo então Ministro da Guerra, Tomás José Coelho de Almeida. Três meses depois, deu-se sua instalação, em Fortaleza.

A Escola Militar iniciou suas atividades frequentadas por alunos vindos praticamente de todos os pontos do Brasil, com a propaganda republicana, inicialmente restrita, mas logo tomando maiores proporções. Nos acontecimen-

tos de 16 de novembro de 1889, que levaram à deposição do Presidente da Província, Morais Jardim, aliado do Imperador, os corpos docente e discente dessa escola venceram a resistência e tomaram conta da situação. O que não era estranho, pois a República fora proclamada por oficiais militares fortemente influenciados pelas idéias positivistas.

A participação da Escola Militar do Ceará na vida política foi, desde então, muito ativa, inclusive na deposição de outro Presidente do Ceará, o General Clarindo de Queirós, que se manteve fiel ao Marechal Deodoro, na primeira grande crise política do período republicano.

Novas Idéias, Novos Espaços

Na segunda metade do século XIX, podemos considerar como importantes espaços não-formais do ensino e da aprendizagem da Filosofia a Biblioteca Pública, que foi fundada em 1867, e os **Gabinetes de Leitura**, que funcionaram não só na Capital, como também em várias cidades do interior do Estado.

Na Biblioteca e nos Gabinetes de Leitura foi onde se aprimorou uma boa parte da intelectualidade cearense. Os freqüentadores da Biblioteca e dos Gabinetes eram autodidatas. (SÁ, 1972, p. 48)

Será, entretanto, na **Academia Francesa** e na **Escola Popular**, na década de 1870, que o ensino da Filosofia no Ceará irá receber novas idéias e novos métodos que vão agitar a vida cultural em Fortaleza. Menezes (1968) considera que o papel que desempenharam as instituições formais do sistema de ensino, público ou privado, foi relevante. Mas se elas falham pela estreiteza mental dos que a dirigem, a força educativa se transfere para outras áreas sociais. Daí a ação profunda da **Escola Popular** e da **Academia Francesa** sobre a consciência da juventude de 1870-75.

A **Academia Francesa** é fundada, em 1872, por um grupo de jovens entusiastas de algumas idéias que fervilhavam na Europa. Essa grupo era liderado por Rocha Lima e Tomás Pompeu. De acordo com vários estudiosos da história local, esse grupo seria um dos de maior peso na história cultural do Ceará. Além dos já citados esse grupo contou com Capistrano de Abreu, Araripe Júnior, João Lopes, Xilderico de Faria, Felino Barroso, entre outros. Tristão de Ataíde, citado por Dolor Barreira, ao se referir ao fim do período àureo do romantismo no Brasil e a esse movimento intelectual, diz:

Foi então que, que na esquecida província cearense se levantou a primeira geração de intelectualidade afirmativa, surgida em 1871-1872, quando a questão religiosa abalou profundamente o país e o livre pensamento começou a rever todos os problemas filosóficos e religiosos, até então desdenhados ou superficialmente tratados. (BARREIRA, 1868.,p. 84).

Rocha Lima definiu o nome do grupo de **Academia Francesa**, para se diferenciar da **Escola de Recife**, movimento filosófico liderado por Sílvio e Tobias Barreto, na Faculdade de Direito de Recife. No movimento recifense, principalmente devido a influência de Tobias Barreto, predominavam as idéias de pensadores germânicos. Na **Academia Francesa** os autores preferidos eram os franceses como Comte, Taine, Littré, Renan, Quinet e outros. Porém, alemães e ingleses também eram lidos, como Kant, Schopenhauer, Darwin, Spencer e Stuart Mill, entre outros.⁵

Clóvis Beviláqua afirma que a **Academia Francesa** teve uma repercussão grande no Ceará e recebeu influência da Escola de Recife. Djacir Menezes e Alcântara Nogueira contestam essa versão proclamando completa independência do movimento cearense, apesar dos autores lidos serem semelhantes. Tendemos a concordar com os últimos, analisando a própria obra de Rocha Lima, onde o mesmo se contrapõe ao espírito do idealismo germânico, predominante em Tobias Barreto:

Meu ideal de humanidade, uma ascendência para os páramos da luz, não é este doutor, sombrio e anacoreta, da epopéia alemã, substância das coisas, evitando as sinuosidades da ação, insaciável de verdades, caminheiro infatigável no mundo das idéias, porém, asceticamente estranho aos certames da vida." (ROCHA LIMA, 1968, p. 89).

A **Escola Popular**, fundada praticamente pelos mesmos fundadores da **Academia Francesa**, para dar aulas noturnas e gratuitas para empregados do comércio e operários, também repercutiu bastante na vida intelectual da Província. Os jornais **Cearense** e **Fraternidade** freqüentemente faziam a convocação para as aulas e as sessões culturais, durante a semana, das 18: 30 às 21 horas e aos domingos, das 10 às 12, para leituras:

Ensino Grátis às todas as classes da população. Às quintas-feiras são ali destinadas à explicação da

Constituição Política do Império, ensino moral e leitura de jornais. Acham-se matriculados 103 alunos... sob direção de seus ilustres fundadores João Lopes Ferreira Filho, Raimundo Antônio da Rocha Lima e Joaquim Lino da Silveira. (Cearense, 29/ 07/ 1875).

Aludindo à célebre **Escola**, Capistrano de Abreu diz que:

Os que tiveram ocasião de visitá-la recordam-se da animação, da cordialidade, do estímulo que ali reinavam e corriam parelhas com o desinteresse dos jovens professores. E entretanto quantos obstáculos não tiveram a vencer, quanta calúnia a esmagar, quanta prevenção a destruir! Um jornal houve....

É melhor não falar desse jornal.

Grande foi a influência da Escola Popular não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade cearense em geral, por intermédio de conferências ali feitas, em que o ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas de sua excelência. Maior foi a influência da Escola sobre os espíritos juvenis, que congregou e fecundou uns pelos outros. (ABREU, in ROCHA LIMA, 1968, p. 77).

Os debates filosóficos e doutrinários extrapolavam os espaços escolares, ganhavam as ruas e os jornais. Destacavam-se, nesse período, os seguintes órgãos de imprensa: **Pedro II, Constituição, Cearense, Fraternidade e Tribuna Católica**. Pois:

Das lutas travadas por estes órgãos da imprensa, nesse período (pondo de lado as tricas e futricas costumeiras), destaca-se a polêmica provocada pelas conferências que o Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra pronunciou na Praça da Feira Nova. O grupo independente, representado, entre outros, por João Brígido, Tomás Pompeu Filho, Xilderico de Faria, Araripe Júnior (o futuro grande crítico literário e um dos mais audaciosos) passou a objetar o orador. A discussão, acalorada na praça pública, passou para a imprensa, ainda mais exaltada. Fraternidade publicou uma série de artigos sob o título – “As Conferências Ultramontanas do Dr. Soares.” A Tribuna Católica revidou. O Cearense tomou parte na luta. Apareceram os “protestos”, com tonalidades violentas: de Araripe Júnior, de Tomás Pompeu Filho, de Xilderico de Faria, do professor do

Liceu, Tasso Portugal. Corria o ano de 1874. (NOGUEIRA, 1978, p. 27).

O Dr. Manuel Soares da Silva Bezerra foi um importante ideólogo do tradicionalismo católico. Além de professor do Liceu do Ceará e Inspetor da Instrução Pública, colaborou destacadamente na **Tribuna Católica**, órgão da Diocese de Fortaleza. Escreveu vários livros, entre os quais: Compêndio de Gramática Filosófica do Liceu Provincial, Dogmas Políticos do Cristão, O Que é O Protestantismo, etc...⁶

O processo de ensino-aprendizagem da formação feral com a contribuição da Filosofia no Ceará, na segunda metade do século XIX, fez florescer três destaques reconhecidos nacionalmente. Rocha Lima, Clóvis Beviláqua e Farias Brito. Os nomes citados são produtos de um ambiente de discussão de idéias e de estudos de sistemas, mas mantém características individuais que os colocaram na história, não somente da cultura cearense, como também nacional. No caso de Farias Brito, reconhecimento internacional como filósofo, e no de Clóvis Beviláqua, como jurista.

Raimundo Antônio da Rocha Lima, o jovem estudante do Liceu do Ceará e do **Ateneu Cearense**, teve uma vida bastante breve, viveu apenas 23 anos. Apesar disso, Rocha Lima, marcou indelevelmente a cultura cearense como aplicado estudante de Filosofia que não se restringiu aos manuais ensinados por seus professores. Buscou avidamente a leitura dos filósofos europeus, entusiasmando, ainda que ingenuamente, pelo positivismo de Augusto Comte, e na crença que o progresso científico iria triunfar sobre a tradição e o obscurantismo e trazer finalmente a felicidade universal dos povos. Sem dúvida, Rocha Lima compartilhava a ilusão das tendências vanguardistas de sua época. Seu grande mérito, no entanto, estava em ser um incessante combatente das idéias em que acreditava, seja criando escolas, seja na linha de frente dos jornais, em disputas com seus ex-professores, como por exemplo, com Teófilo Rufino Bezerra de Menezes, que lhe ensinara Filosofia no Liceu. Sua obra póstuma, **Crítica e Literatura**, foi elogiada pelos principais historiadores da literatura brasileira, como Tristão de Ataíde e Alfredo Bosi. Nela se revela seu saber enciclopédico, adquirido, também, como funcionário da Biblioteca Pública. Exerceu notável influência sobre seus contemporâneos, inclusive sobre Capistrano de Abreu e Clóvis Beviláqua. Rocha Lima não foi um filósofo, no sentido tradicional do termo, com um conjunto de idéias sistematizadas. Sua vocação maior fora para a crítica literária, com forte intuição filosófi-

ca. Vejamos esse depoimento de Djacir Menezes, na sua introdução à obra de Rocha Lima:

A intuição filosófica predomina de tal maneira nas críticas de Rocha Lima que os autores criticados são muitas vezes pretextos para a explanação de suas idéias. Dou exemplo apontando as reflexões feitas sobre um livro quase completamente esquecido, – O Caráter – de Samuel Smiles. A propósito da obra, Rocha Lima fala de leis sociológicas, empirismo inglês, do determinismo na formulação de Claude Bernard, e produz alguns pensamentos que são antecipações quase geniais.” (ROCHA LIMA, 1968, p. 51-52).

Concordando com Djacir Menezes, consideramos que umas de suas intuições bem interessantes está no ensaio **Nosso Jornalismo**, onde Rocha Lima faz coro, de certo modo, à crítica da historiografia tradicional que já se desenhava bem antes do debate que os franceses dos **Annales** vão desenvolver ao longo do século XX:

Reduzir a história a uma série de biografias de homens de Estado e de monarquias; desconhecer a ação persistente e invencível das idéias, de que os fatos históricos são apenas uma revelação ou um indício; converter a humanidade com todas as suas energias em uma massa plástica que toma qualquer forma, a capricho de alguns indivíduos, antes instrumentos do que fatores da evolução social, eis o vício dos historiadores políticos que os atuais videntes do passado procuram extirpar.” (ROCHA LIMA, 1968, p. 248-249)

As idéias filosóficas em Fortaleza borbulhavam na década de 1870. Porém, muitos jovens cearenses, também desejosos de profissões liberais, que lhes garantiriam ascensão social, prestígio político e estabilidade financeira, deslocavam-se a Pernambuco para matricular-se na famosa e prestigiada Faculdade de Direito de Recife. Entre esses jovens, Clóvis Beviláqua, cearense de Viçosa do Ceará, filho do Padre Beviláqua, terá destaque considerável. O jovem Clóvis recebeu influência inicial de Rocha Lima, em Fortaleza, e de Tobias Barreto, em Recife. Sua figura está mais ligada ao mundo jurídico e é reconhecido como o nome mais representativo do Direito nacional, principal formulador do anteprojeto do Código Civil Brasileiro, que somente recentemente fora atualizado. No entanto, além de notável juris-

ta, foi professor de Filosofia da Faculdade de Direito de Recife. Seu nome também está ligado à história do pensamento brasileiro, com vários escritos filosóficos:

Clóvis Beviláqua deixou-nos valiosos estudos sobre a filosofia no Brasil. Nestes aprecia o papel desempenhado pelas correntes aqui difundidas com o equilíbrio e a serenidade que são característica de sua obra. Além disso, legou-nos trabalhos construtivos e não de simples crítica em torno de questões da teoria do conhecimento e da psicologia. Tinha mesmo o propósito de escrever um manual, que infelizmente não chegou a acontecer. (PAIM, 1981, p. 62).

Clóvis Beviláqua foi fortemente influenciado pelo positivismo, defendendo, inclusive a reforma educacional de Benjamin Constant, que retirou o ensino de Filosofia do curso secundário. Entendeu ele ser acertado **mandar a juventude preparar-se nos fortes estudos das ciências físicas e mentais**. Esclarece que fizera coro com Silvio Romero nas críticas do ensino da Filosofia durante o Império por se tratar então de um **caos imprestável de teorias derrancadas**. Defendia que o estudo da Filosofia fosse substituído pelo da Lógica, adicionado a algumas noções sobre o mecanismo do universo e das sociedades para estabelecer uma conexão unificadora entre todos os ramos de ciência anteriormente estudados. Uma proposta de reforma educacional claramente positivista.

Fizemos esse breve resumo sobre a Filosofia no Ceará para mostrar que havia em Fortaleza, uma certa “cultura filosófica” que influenciou, de certa maneira, a opção de Farias Brito pela dedicação aos estudos filosóficos. Para nós, Farias Brito representa o ápice de todo esse movimento cultural em torno do ensino e da aprendizagem da Filosofia ao longo da segunda metade do século XIX. A vida de Farias Brito foi quase toda dedicada ao magistério, ensinando principalmente filosofia. Sua obra mostra o verdadeiro significado do **filosofar**, pois sua preocupação não fora simplesmente de um comentador de sistemas europeus. Embora ele tenha se dado bastante a esse trabalho, o fez com independência de espírito e na perspectiva de desenvolver sua própria concepção de mundo. Essa afirmação também é compartilhada por Fernando de Azevedo, pois, na sua monumental obra **A Cultura Brasileira**, ele assim se referiu a Farias Brito:

Se tivemos, porém, um filósofo profissional, esse foi, sem dúvida, Farias Brito (CEARÁ, 1962-1917) que, iniciando-se, sob as influências germanistas do nor-

te, dirigiu a reação espiritualista contra as duas correntes, – o positivismo e o materialismo que se disputavam a supremacia no pensamento brasileiro. Certamente, ainda que dominada de um espírito místico e cruzada de visões trágicas da vida, a obra do pensador brasileiro do Mundo Interior, em que mais fortemente se revela a argúcia de seu sentido crítico, e de *A Base Física do Espírito*, – estudo metódico da evolução da psicologia no século XIX, acusa, no seu conjunto, uma independência de juízo, uma solidez de cultura filosófica, embora limitada aos três últimos séculos, e uma tal maturidade de inteligência que bastariam para o erguer a uma posição singular na história da filosofia no Brasil.” (AZEVEDO, 1964, p. 426-427).

A obstinação que Farias Brito teve pelo pensamento filosófico foi reconhecida por todos os seus críticos, até pelos mais severos e ferrenhos opositores. Evidentemente que seus estudos de Direito na capital pernambucana, onde a intensidade de discussões filosóficas atingiram o seu auge, até então, na famosa *Escola do Recife*, muito contribuiu na formação e na direção de rumos da especulação filosófica de sua personalidade.

A atividade filosófica é uma atividade humana essencialmente livre. As instituições escolares

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura brasileira*, São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1964.
- BARREIRA, Dolor. *História da literatura cearense*, Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986.
- BRITO, R.de Farias. *Finalidade do mundo vol. 1- A filosofia como atividade permanente do espírito humano – estudos de filosofia e teleologia naturalista*, Rio de Janeiro: MEC – Instituto Nacional do Livro, 1957.
- BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Ed. Unesp, 1990.
- CARVALHO, Laerte R. *A formação filosófica de Farias Brito*, São Paulo: Saraiva, 1977
- CASTELO, Plácido A. *História do ensino no Ceará*, Fortaleza: IOCE, 1970.
- CERQUEIRA, Luiz A. *Filosofia brasileira*, Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982

- CRUZ COSTA, João. **Contribuição à história das idéias no Brasil**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- FRANCA, Leonel. **Noções de história da filosofia**, Rio de Janeiro: Editora Agir, 1990.
- GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará**, Fortaleza: Edições UFC, 1971.
- _____. **Educandários de Fortaleza**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1956.
- GUAZELLI/XAVIER (Orgs.). **Questões de teoria e metodologia de história**, Ed. UFRS, Porto Alegre: 2000.
- HOLANDA, Sérgio B. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1979.
- LE GOFF, Jacques. **A história nova**, São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MONTENEGRO, João Alfredo de S. **O trono e o altar – as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)**, Fortaleza, BNB, 1992.
- _____. **Rocha Lima – a obra e a época**, São Paulo, Instituto Brasileiro de Filosofia, 1978.
- NOGUEIRA, Alcântara. **O pensamento cearense na segunda metade do século XIX**, Fortaleza: Casa Juvenal de Galeno, 1978.
- PAIM, Antônio. **A filosofia da escola de Recife**, São Paulo: Convívio, 1981.
- _____. **História da idéias filosóficas no Brasil**, São Paulo: Ed. Grijalbo, 1967.
- RABELO, Sílvio. **Farias Brito ou uma aventura do espírito**, Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 1941.
- ROMANELLI, Otaíza de O. **História da educação no Brasil**, Petrópolis: Vozes, 1995.
- ROCHA LIMA, Raimundo A . **Crítica e literatura**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1968.
- SÁ, Adísia (Org). **Ensino da filosofia no Ceará**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1972.
- SALDANHA, Nélson, **A Escola do Recife na evolução do pensamento brasileiro**, in *As Idéias Filosóficas no Brasil – séculos XVIII e XIX*, São Paulo: Convívio, 1978.
- SERRANO, Jônatas. **Farias Brito, o homem e a obra**, Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1939.
- SOUZA, Simone de (Org.). **História do Ceará**, Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.
- SOUZA, Simone de, NEVES, Frederico de Castro (Orgs.). **Intelectuais**, Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2002.
- VENANCIO FILHO, Alberto, **Das arcadas ao bacharelismo**: São Paulo, Ed. Perspectiva, 1982.

NOTAS

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

² Cf. Alcântara, José Denizard Macêdo de, **Subsídios históricos para a Filosofia cearense** in SÁ (org.), Adísia, **Ensino da filosofia no Ceará**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1972.

² CASTELO, Plácido A. **História do ensino no Ceará**, Fortaleza: IOCE, 1970.

³ “O **Partenon Cearense** tinha o curso primário, o de preparatórios e o comercial, este à noite. Neles foram professores: Agapito dos Santos, José de Barcelos, Raimundo Leopoldo Coelho Arruda, João Samuel Mundim, Raimundo de Farias Brito, Pedro Rocha, Luís Sá (Desenho), Maestro Manuel Magalhães (Música) e Henrique Autran.” Cf. GIRÃO, Raimundo, **Educandários de Fortaleza**, Fortaleza: Imprensa Universitária, 1956, p. 16.

⁴ NOGUEIRA, Alcântara. **O Pensamento cearense na segunda metade do século XIX**, Fortaleza: Casa de Juvenal Galeno, 1978.

⁵ MONTENEGRO, João Alfredo de S. **O trono e o altar – as vicissitudes do tradicionalismo no Ceará (1817-1978)**, Fortaleza, BNB, 1992.